

Diagramação e Direção de Design

Núcleo de Design - Unifran

Catálogo na fonte – Biblioteca Central da Universidade de Franca

Seminário de pesquisa em linguística, (10.: 2019: Franca, SP).

- S474 X Seminário de pesquisa em linguística da Universidade de Franca (SELINFRAN) - democracia, resistência política e produção científica: efeitos em textos e discursos, 19 - 21 set. 2019 / organização, Aline Fernandes de Azevedo Bocchi, Luana Ferraz, Marilurdes Cruz Borges; vários autores. – Franca, SP: Universidade de Franca, 2019. e-book.

ISBN e-book: 978-65-80120-31-4

Linguística – Seminário. 2. Pesquisa científica – Linguística – Resumos. 3. Linguística – Produção científica. 4. Democracia – Resistência política. 5. Produção acadêmica. I. Bocchi, Aline Fernandes de Azevedo. II. Ferraz, Luana. III. Borges, Marilurdes Cruz. IV. Universidade de Franca. V. Título.

CDU – 801:001.891(061.3)



# O MITO JUDAICO-CRISTÃO DA CRIAÇÃO: UMA LEITURA RETÓRICO-PASSIONAL

Luan MARQUES DOMINGUES (UNIFRAN)

Maria Flávia FIGUEIREDO (UNIFRAN)

## RESUMO

Ainda na atualidade, inúmeras discussões acerca do mito criacional do livro de Gênesis são perceptíveis tanto no âmbito religioso, quanto no universo acadêmico. Nesse contexto, esta pesquisa tem por objetivo propor uma leitura do texto criacional de Gênesis sob o viés retórico das paixões propostas por Aristóteles. Dessa maneira, o trabalho traz consigo a pretensão de verificar se tal leitura é capaz de libertar o leitor de se ater à literalidade do texto bíblico, podendo, assim, ampliar seu conhecimento acerca do propósito comunicativo do orador, bem como do texto em si. Em termos metodológicos, será feita análise retórica dos capítulos I e II do livro do Gênesis, seguindo o pensamento do filósofo Aristóteles em seu livro Retórica, em especial o Livro II que trata das paixões. Portanto, trata-se de uma pesquisa bibliográfico-descritiva.

**Palavras-chave** Mito criacional; Retórica; Aristóteles; Paixões; Literalidade do texto.

## ABSTRACT

Even today, countless discussions about the creation myth of the Genesis book are noticeable in the religious realm as well as in the academic universe. In this context, this paper aims the reading of the creational text of Genesis from a rhetorical perspective of the passions, proposed by Aristotle. Thus, the development of this investigation has the intention to verify if such reading can set the readers free from the literalness of the biblical text, allowing them to expand their knowledge about the communicative purpose of the orator, as well as the text itself. In methodological terms, a rhetorical analysis of chapters I and II of the Genesis book will be made, according to the thoughts of Aristotle in his book Rhetoric, in particular, the Book II that deals with the emotions. Therefore, this investigation can be described as bibliographic-descriptive.

**Keywords** Creation Myth; Rhetoric; Aristotle; Passions; Literality of the text.



## Introdução

A perspectiva na qual a retórica se enquadra é a dos discursos que visam a conquistar a adesão e desencadear uma ação, por parte do auditório. É assim que adentramos no pensamento de Aristóteles ao conceber a retórica como “a capacidade de descobrir o que é adequado para cada caso com o fim de persuadir” (ARISTÓTELES, 2012, p. 12). Dessa forma, ela é uma arte! A arte do bem argumentar, dando ao orador a competência de descobrir os argumentos que cabem a cada situação, que sejam verossímeis, em vista de angariar a aceitação de seu auditório à tese proposta.

Todo fazer argumentativo se dá por meio do tripé retórico: um orador (detentor de um *ethos*) que enuncia seu discurso (elaborado por meio do *logos*) com vistas a angariar a adesão de seu auditório (receptáculo do *pathos*) por meio das paixões despertadas. Assim, o auditório é passionalmente despertado para aderir a uma tese proposta pelo orador acerca de determinado tema ou questão.

Assim, fica evidente que, no jogo argumentativo, o bom orador, que deseja obter êxito em seu discurso, procurará ativar o campo da razão, por meio de argumentos plausíveis com o fim de convencimento do auditório. Mas, além disso, também se esforçará para ativar o campo das emoções com o fim de persuadir, logrando, assim, que seu auditório faça aquilo que ele deseja. “Argumentar é, pois, em última análise, a arte de, gerenciando

informação, convencer o outro de alguma coisa no plano das ideias e de, gerenciando relação, persuadi-lo, no plano das emoções, a fazer alguma coisa que nós desejamos que ele faça” (ABREU, 2009, p. 26).

Pelo exposto acima, fica evidente a importância das afecções no processo persuasivo, no qual o homem é considerado um complexo de razão e paixões. Assim, decidimos estudar o texto mitológico da criação na crença judaico-cristã sob a perspectiva das paixões aristotélicas, uma vez que esse texto teve, e continua tendo, forte influência na maneira do ser humano lidar com questões relacionadas à origem, a estrutura e a organização do cosmos, bem como na maneira de interpretar a gênese e o fim da humanidade.

O objetivo desta pesquisa é delinear uma leitura do texto judaico-cristão da criação, contido na bíblia em seu primeiro livro chamado Gênesis nos capítulos I e II, pelo viés da retórica das paixões, segundo Aristóteles. Pretendemos, portanto, verificar as possíveis paixões despertadas nos auditórios daquele tempo, cerca do ano 400. a.C., e quais afecções podem ser ativadas em seus leitores da atualidade.

Ainda trazemos à baila a reflexão da possibilidade da leitura retórico-passional ser uma ferramenta eficaz para a leitura de textos diversos, principalmente quando seus contextos de produção e de recepção não são facilmente recuperáveis.

Acreditamos que esse tipo de leitura pode fornecer ao leitor maior



liberdade, uma vez que o livro de se ater a literalidade do texto e o conduz a uma incursão que a riqueza das perspectivas polissêmicas de um texto pode oferecer.

## 1 Fundamentação teórica

A partir do que traçamos como objetivo de nossa pesquisa, neste trabalho parcial, faz-se mister trazer uma breve reflexão sobre a instância retórica do *pathos* e as 14 afecções de que trata o mestre Aristóteles.

No fazer persuasivo, o despertar das paixões no ser humano é necessário para que a argumentação, de fato, chame a atenção de um auditório e o convença de que é mais plausível deste modo do que de outro. Dessa maneira, fica evidente o domínio dos argumentos preferíveis, do prazer e do desprazer, que vão gestar as diversas paixões. Segundo o estagirita: “Persuade-se pela disposição dos ouvintes, quando estes são levados a sentir emoção por meio do discurso, pois os juízos que emitimos variam conforme sentimos tristeza ou alegria, amor ou ódio” (ARISTÓTELES, 2012, p. 13).

O filósofo, no Livro II de sua Retórica, traça com maestria esse itinerário e enumera 14 afecções da alma humana. São elas: **ira** (cólera), **calma**, **amor** (amizade), **ódio** (inimizade), **temor**, **confiança** (segurança), **vergonha**, **impudência** (desvergonha), **favor** (obsequiosidade, amabilidade), **compaixão** (piedade), **indignação**, **inveja**, **emulação** e **desprezo**. Além dessas, contidas em sua Retórica, há

mais duas paixões em sua obra *Ética a Nicômaco*, que são o **desejo** e a **felicidade**.

Na visão Aristotélica, a estratégia retórica que alude ao *pathos* é sem dúvidas de caráter psicológico e, dessa forma, também provisório. É psicológico no sentido que o despertar das emoções pode alterar as decisões ou julgamentos que o homem faz de determinado assunto ou coisa. Mesmo que racionalmente se entenda certa tese apresentada, a persuasão ocorre quando a pessoa sente algo com que se identifica e isso está ligado à dor ou ao prazer. É provisório porque os homens possuem impressões variadas e passageiras das coisas, do mundo e das pessoas.

Com base nessa perspectiva é que normalmente são despertadas muitas e diversas paixões por meio de um mesmo discurso. Além disso, vai-se alterando os juízos sobre aquilo que se é apresentado como verossímil. “As emoções são as causas que fazem alterar os seres humanos e introduzem mudanças nos seus juízos, na medida em que elas comportam dor e prazer” (ARISTÓTELES, 2012, p. 85). Ainda no que diz respeito à transitoriedade das paixões, Aristóteles afirma: “Os fatos não se apresentam sob o mesmo prisma a quem ama e a quem odeia, nem são iguais para o homem que está indignado ou para o calmo, mas, ou são completamente diferentes ou diferem segundo critérios de grandeza” (ARISTÓTELES, 2012, p. 84).



O filósofo Michel Meyer ratifica a ideia de contingência do *pathos* e atribui a ela o sinal de diferença, de assimetria, que pode revelar a identidade do sujeito que é movido pela paixão, mas não necessariamente o qualifica, não é constitutivo de seu ser. “O *pathos* é precisamente a voz da contingência, da qualidade que se vai atribuir ao sujeito, mas que ele não possui por natureza, por essência” (MEYER, 2000, p. XXXII).

No processo argumentativo, há a presença da identidade e da diferença, e as paixões se aventuram a negociar uma pela outra, isto é, romper a diferença para se chegar à identidade. Assim, podemos ver, no despertar das paixões, o processo de convencimento e persuasão. Como postula Meyer, “lugar em que se aventuram a identidade e a diferença, a paixão se presta a negociar uma pela outra; ela é o momento retórico por excelência” (MEYER, 2000, p. XL).

A lide com as paixões traz à tona as emoções que estão disponíveis no auditório. Esse aspecto está claramente descrito no trabalho de Figueiredo (2018), “A retórica das paixões revisitada”, em que a autora traça e propõe uma trajetória para o despertar das emoções. Dessa maneira, as paixões deverão ser exploradas pelo orador para obter êxito em seu processo de convencimento e persuasão. Por essa razão, é importante que o retor conheça minimamente o seu auditório, para que, desse modo, busque, por meio do processo

discursivo, “tocar” as afecções disponíveis em seu auditório. “O que Aristóteles se dispõe explicitamente a mostrar em sua retórica é que as paixões constituem um teclado no qual o bom orador toca para convencer” (MEYER, 2000, p. XLI). Portanto, vemos a importância da instância do *pathos* no fazer retórico para que o orador consiga a adesão almejada à sua tese.

## 2 Metodologia

Para responder aos questionamentos que delineiam nosso trabalho, realizaremos uma pesquisa bibliográfico-descritiva a partir dos pilares da arte retórica, destacando a instância argumentativa do *pathos* e as emoções descritas por Aristóteles. Também se faz justa uma reflexão acerca do gênero discursivo que abarca o texto por nós escolhido para análise. Após as inferências plausíveis, procederemos a uma análise qualitativa do *corpus* a fim de verificar a aplicabilidade de nossas conjecturas.

Os textos que compõem o *corpus* são:

- Livro dos Gênesis, Capítulo 1, versículos 1-31. Título: **Primeiro relato da criação.**
- Livro dos Gênesis, Capítulo 2, versículos 1-25. (Sem Título).

## 3. Análise Piloto

Haja vista a extensão do *corpus* de nossa pesquisa, neste resumo, apresentaremos apenas um recorte. O trecho escolhido para análise



consiste no Capítulo 1, versículos de 1-5 do livro do Gênesis da Bíblia<sup>9</sup>.

**Primeiro relato da criação-** 1 No princípio, Deus criou o céu e a terra. 2 Ora, a terra estava vazia e vaga, as trevas cobriam o abismo, e um vento de Deus pairava sobre as águas.

3 Deus disse: “Haja luz” e houve luz. 4 Deus viu que a luz era boa, e Deus separou a luz e as trevas. 5 Deus chamou à luz “dia” e às trevas “noite”. Houve uma tarde e uma manhã: primeiro dia. (Gn 1, 1-5)

Nesse trecho, encontramos um primeiro relato da criação, sendo possivelmente uma obra de sacerdotes, que procuravam reforçar os fundamentos de sua fé monoteísta ao povo de Israel, que se encontrava em exílio na Babilônia. Nele, também se tem a ideia do mundo como sendo criado por uma força superior chamada Deus.

Há um sublinhar do monoteísmo em todo o texto, em oposição à cultura babilônica (conjuntura em que fora escrito o enunciado), que era politeísta. Tal criação do universo se dá de maneira gradual e contínua, somando a totalidade de seis dias, sendo cada dia da semana uma etapa no processo de formação do cosmos. O sexto dia é o ápice das origens; nele, se dá o surgimento do ser humano que é visto como o centro de toda a criação.

<sup>9</sup> Vale dizer que hoje temos muitas traduções da bíblia, mas para esta pesquisa adotamos o texto da Bíblia de Jerusalém, por se tratar de uma tradução considerada apropriada para os estudos em bíblia, por exegetas e hermeneutas.

O primeiro versículo deixa transparecer a questão da temporalidade no texto. A expressão “No princípio” marca o início da obra criacional em um determinado momento da história e remete a paixão da calma, uma vez que ela é para Aristóteles (2012, p. 93) certo prazer sem insolência e uma indulgente esperança. O homem, ao se deparar com um princípio na ordem da criação, sente-se livre do pensamento de que o mundo que vive é um caos primário, ou que se tenha emanado dele, e traz a esperança de que há uma organização do cosmos quista por um ser superior.

Em “Deus criou o céu e a terra”, encontra-se a ideia de um poder absoluto, denominado Deus, que possui uma vontade manifestada pelo verbo transitivo direto “criar”. Essa marca linguística pode levar ao despertar da afecção da confiança, pois aquilo que está próximo de acontecer pode trazer algo de positivo. Ao pensar no transcendente demonstrando sua vontade em criar o plano da imanência “o céu e a terra”, tem-se a segurança de que a mesma vontade se estenderá ao cuidado das coisas feitas. Assim, para os que possuem fé na teoria criacionista, há alguém (Deus) em que se pode buscar socorro nos momentos de dificuldades.

O segundo versículo traz a percepção daquilo que existia antes do ato criador de Deus: o caos. Esse caos aquoso é a total ausência de ordem, simbolizado pela “terra vazia e vaga”. Aí pode ser suscitada a emoção



da insegurança (falta de confiança), pois o cosmos se apresenta sem sentido e sem perspectiva de existir.

Tal perspectiva de mundo como massa sem forma e ordenamento é muito similar à mitologia do antigo Oriente Próximo, segundo os biblistas pesquisadores. “O segundo v. nos diz que, antes do ato criador de Deus, o mundo era massa informe que existia como caos aquoso. Essa descrição do mundo está de acordo com a mitologia do antigo Oriente Próximo” (VIVIANO, 2014, p. 57). Vê-se aí, uma intertextualidade com esse discurso. No antigo Oriente, também havia um relato criacional advindo dos babilônios, chamado *Enuma Elish*<sup>10</sup>.

Nesse mesmo versículo, é também nítida a presença das trevas como sendo incriadas, como algo pertencente ao caos, envolta em mistério. Vale dizer que a treva, caos ou escuridão, sempre esteve atrelada a uma concepção de mal. Assim, parece ao autor que o mal é visto como existente desde sempre: “as trevas cobriam o abismo”. O leitor ao se deparar com essa marcação linguística pode ser acometido pelo sentimento do medo, uma vez que essas trevas pertenciam ao caos primário, e sem a presença de Deus, que rege a humanidade como obra de suas mãos, pode também se ver suscetível a experimentar esse mal.

Esse é o ponto de partida, em que a intervenção divina inicia a renovação sobre as águas, isto é, sobre o caos

<sup>10</sup> O mito de *Enuma Elish* é uma epopeia babilônica da criação dos deuses, do universo e da espécie humana. Um manuscrito considerado cópia deste mito foi encontrado por volta de 1.100 a.C., em Sultantepe, na atual Turquia.

aquoso é que se começa a obra de criação: “e um vento de Deus pairava sobre as águas”. Nesse trecho, a possível paixão a surgir, diante das marcações de insegurança e medo que a antecederam, é a da esperança, em uma nova forma de mundo por meio da presença de Deus que “pairava sobre as águas”. A paixão da esperança não fora como tal descrita por Aristóteles, mas é ela que traz ao homem a capacidade de transformação de si e do mundo, vendo as potencialidades existentes em cada ser.<sup>11</sup>

Já o versículo 3 traz diretamente a ação criadora por meio da palavra. É o poder do dizer que cria o universo. A palavra é então a manifestação palpável da vontade de um deus soberano: “Deus disse: ‘Haja luz’ e houve luz”. É de se sublinhar que, a partir desse versículo, o texto, ao apresentar a criação divina, se desenvolverá inteiramente baseado na figura retórica da personificação ou prosopopeia, que é, segundo (FIORIN, 2014, p. 51), um tropo por concentração semântica, onde existe um alargamento do alcance do significado atribuindo, nesse caso, atitudes e sentimentos humanos a seres não humanos, abstratos: no caso, Deus.

No mito de Gênesis, como vimos, o primeiro ato da criação é a luz. Isso nos permite observar uma possível intenção de apresentar o mundo como aquele que tem uma determinada ordem natural. Assim,

<sup>11</sup> A esse respeito, Muller (2015, p. 373) declara: “Ernst Bloch pode falar de um ‘princípio esperança’, que direciona o agir e o projetar humano para a utopia”.



a luz precede o restante da criação, permitindo ao ser humano que passe a enxergar, que tenha a percepção primária do que está ao seu redor. Pode ser gestada a emoção da calma, suscitando a esperança de que o caos está sendo eliminado pela obra criadora, e também do amor por ter recebido de Deus, por meio da luz, a possibilidade de “ver/ perceber” a própria vida, a própria história: o passado, o presente e projetar o futuro.

Outra possibilidade que o texto apresenta como leitura é a plausível escolha do autor em eleger a luz como a primeira coisa criada para opor o mito criacional analisado ao mito de *Enuma Elish*. No mito babilônico, a luz era propriedade dos deuses e deles emanava. Agora, no mito judaico, a luz é apenas algo criado. Há assim, uma ressignificação, dando à luz um caráter comum, apenas outro elemento qualquer da criação, não mais relacionado à divindade. Então, as pessoas não precisavam mais se relacionar com as divindades para receber a luz.

No que tange ao versículo 4, encontramos uma prosopopeia na expressão “Deus viu”, atribuindo a capacidade visual que é própria dos animais irracionais e racionais a Deus, um ser abstrato. Ainda nesse período, encontramos a qualificação à luz. A luz é considerada boa: “Deus viu que a luz era boa”. A impressão causada pelo autor é que a obra da criação de Deus só pode ser boa, pois nada que saia de Deus pode ser ruim, uma vez que a óptica judaico-cristã de Deus é a de que ele é o sumo bem.

No trecho “Deus viu que a luz era boa” a afecção da emulação é passível de acontecimento. Mesmo que o homem não seja igual a Deus, ele possui liberdade e vontade, e sendo uma criatura à sua imagem em semelhança, possui, segundo o mito, a vida de Deus em si. Por isto, buscará sempre imitá-lo, em especial na prática do bem em detrimento do mal.

Outra emoção que pode ter sido gestada no auditório primeiro do discurso analisado, e que também pode ser gestada no auditório atual, é a da vergonha, por não querer decepcionar o outro, no caso: Deus. Segundo o estagirita, sentimos vergonha diante do olhar das pessoas sobre nós que nos interessa, ou que significam algo para nós. “Segue-se forçosamente que sentiremos vergonha na presença daquelas pessoas cuja opinião nos interessa.” (ARISTÓTELES, 2012, p. 106). Em especial pode ser despertada essa emoção pelo fato do ser humano não conseguir ou não querer praticar o bem e ver que nem tudo o que se faz é bom, e assim não condiz com o projeto do criador.

Ainda encontramos no texto a expressão “Deus separou a luz e as trevas”, aí temos a perspectiva de demarcação temporal do dia, que é formado por luzes e trevas, manhã-tarde-noite. Além disso, é possível denotar também a imagem de ordem sobre o caos, que vai se tornando evidente no texto, gestando mais uma vez a paixão da segurança, de que o homem não precisa se preocupar com o que será de si e do mundo, ou





com as perguntas antropológicas: De onde viemos, para onde vamos, quando tudo começou? Elas serão sanadas pela demonstração de ordem e sentido no mundo transmitido por Deus, isto é, tudo está sob o controle de Deus e é ele que dá sentido a toda existência.

No versículo 5, encontramos o encerramento do primeiro dia da criação, no qual Deus determina que a luz seja o mesmo que o dia e as trevas, o mesmo que a noite: “Deus chamou à luz ‘dia’ e às trevas ‘noite’”. Dar nomes às coisas é o mesmo que ter poder sobre elas no antigo Israel. Assim, salienta o autor o poderio e a majestade única do Deus de Israel, em detrimento dos demais deuses babilônios. “No antigo Israel, dar nome exprimia o poder sobre o que recebia o nome. Deus dá nome ao dia e à noite porque tem autoridade sobre eles” (VIVIANO, 2014, p. 58).

A conclusão do versículo se dá dizendo: “Houve uma tarde e uma manhã: primeiro dia”. Com essa afirmação, vemos a cronologia do dia judaico, que se inicia na véspera até o entardecer de outro dia. Mais uma tentativa do autor de chamar atenção de seu auditório (supostamente judeus que estão vivendo os costumes dos babilônios e se adaptando ao estilo de vida deles) para que volte às suas raízes e aos costumes judaicos.

É plausível o despertar da paixão do favor, que é, segundo o mestre Aristóteles, uma bondade desinteressada em fazer o bem a outrem simplesmente porque precisam. Ao contemplar o início

da criação, a pessoa poderá sentir-se imbuída a devolver tamanho favor recebido de Deus, que cria desinteressadamente todas as coisas, fazendo o bem a aqueles que precisam sem esperar nada em troca.

Também pode ser gestada a afecção da indignação naqueles que não possuem fé na teoria criacionista, podendo ser interpretada como um absurdo e até uma injustiça, ao compreender que as pessoas continuam a acreditar em um relato que não tem comprovação científica.

Portanto, percebemos, até aqui, que, mesmo que o leitor não tenha acesso ao contexto de produção e de recepção do mito criacional, a leitura do texto pelo viés das paixões parece se tornar uma ferramenta para sua compreensão e produção de sentido. Dessa maneira, o leitor pode se libertar de uma leitura exclusivamente literal do texto bíblico e passar a obter dele alguns de seus múltiplos sentidos.

#### 4. Considerações Finais

Conforme procuramos demonstrar, esta pesquisa tem a pretensão de refletir acerca da importância das afecções no processo enunciativo, considerando ser o homem um complexo de razão e paixões. Dessa maneira, decidimos estudar o texto mitológico judaico-cristão da criação sob a óptica das paixões aristotélicas, uma vez que essa obra foi e continua sendo uma influência na maneira de o ser humano lidar com questões relacionadas à sua origem, à estrutura e à organização do cosmos, bem como na tentativa do homem de compreender a si.



Dessa maneira, o objetivo desta pesquisa é o de propor uma leitura do mito judaico-cristão da criação pelo viés retórico das paixões de Aristóteles. Verificamos, até este ponto, algumas das possíveis paixões despertadas nos destinatários daquele tempo, cerca do ano 400 a.C., bem como em seus possíveis leitores da atualidade.

Acreditamos que a leitura retórico-passional possa ser utilizada como uma ferramenta eficaz na leitura de qualquer enunciado (mesmo quando não é possível conhecer seu contexto de produção e nem tão pouco o de recepção originária), uma vez que permite ao leitor a possibilidade de se libertar da literalidade do texto.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, A. S. A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção. 5. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.
- ARISTÓTELES. Retórica. Tradução de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. São Paulo: Martins Fontes, 2012. (Coleção Obras completas de Aristóteles)
- FIGUEIREDO, M. F. A retórica das paixões revisitada. In: LUDOVICE, C. A. B.; MANFRIM, A. M. P.; FIGUEIREDO, M. F. (Orgs.). O texto: corpo, voz e linguagem. Franca: Unifran, 2018. (Coleção Mestrado, 13). p. 141-158.
- FIORIN, J. L. Figuras de retórica. São Paulo: Contexto, 2014.
- MEYER, M. Aristóteles ou a retórica das paixões. (Prefácio). In: ARISTÓTELES. Retórica das paixões. Tradução de Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. XVII-LI.
- VIVIANO, P. Pentateuco: Gênesis. In: BERGANT, D.; KARRIS, R. (Orgs.). Comentário bíblico. São Paulo: Loyola, 2014. p. 55-89.